

Histórias Oraís dos Remanescentes Indígenas no Território do Piauí no Século XXI

ROBERTO KENNEDY GOMES FRANCO*

*Os índios fervilham como formigas as margens dos rios e vales do Piauí:
Porém em meados do século XIX praticamente não havia mais nenhum:
foram mortos, escravizadas, aldeados ou expulsos.
No lugar deles surgiu a sociedade colonial escravista.
(ODILON NUNES, 2007)*

A historiografia escrita referente ao Piauí narra o desaparecimento/esquecimento do sujeito histórico indígena no território piauiense. O ensino da temática indígena na Educação Básica piauiense, previsto inclusive na lei Lei Nº 11.645/2008, tornando obrigatório a questão indígena é letra morta. Os livros didáticos ou possuem um hiato explicativo da situação indígena no território do Piauí ou narram o total desaparecimento/esquecimento do índio através da explicativa de uma exterminação completa ou aculturação e mestiçagem. De fato, hegemonicamente para a História Oficial, ufanista dos colonizadores, o lugar da memória-histórica das diversas etnias que habitavam o território que hoje categorizamos como Estado do Piauí é inexistente, esquecido/silenciado.

Segundo as historiadoras (CLAUDETE DIAS; PATRÍCIA DE SOUSA, 2011: 19-39):

Durante muito tempo ignorou-se a existência de índios em terras onde é hoje o Estado do Piauí, sobretudo porque essa população foi praticamente extinta na época da colonização, iniciada em meados do século XVII, por bandeirantes paulistas e baianos. Apenas há algumas décadas começaram a aparecer estudos e pesquisas de alguns raros pesquisadores, e assim mesmo muito pouco difundidos, sendo conhecidos apenas por uma pequena parcela de estudantes, professores, pesquisadores e intelectuais interessados na História do Piauí. O extermínio dos índios piauienses por brancos sequiosos de poder é um fato arditamente esquecido pelos intelectuais do Piauí. Esse esquecimento intencional está patente na historiografia que registra o processo civilizatório motivado pela cobiça dos brancos nos sertões do Piauí. Os raros ensaios escritos sobre certos aspectos da história do extermínio dos índios piauienses são superficiais e tem comprometimento ideológico. Revitalizadora será uma revisão da escassa história do extermínio dos índios piauienses a partir de documentos inéditos e da elaboração de um plano de estudos que tenha como suporte um prévio mapeamento etnográfico. Urge que façamos uma revisão da história do Piauí, que foi escrita pelos vencedores e está recheada de bravatas nos discursos cívico-ufanistas.

Segunda ainda as autoras, o esforço concentrado para produzir o livro

* Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: robertokennedy@unilab.edu.br

História dos Índios do Piauí: “objetiva preencher uma lacuna na historiografia local e nacional, com a sistematização dos trabalhos sobre a temática para que possa afirmar categoricamente: existe sim uma história dos índios do Piauí e os índios do Piauí tem uma história.” (CLAUDETE DIAS; PATRÍCIA DE SOUSA: 2011: 19)

De forma complementar, a esta reflexão de acordo com dados da (FUNAI: 2010), somente no território do Rio Grande do Norte, no Piauí e no Distrito Federal não se encontram grupos indígenas com terras demarcadas e sua etnicidade ancestral respeitada.

Chamou-nos atenção, ainda que ao trabalharmos na Universidade com a disciplina de História do Brasil Colônia, escutamos a seguinte pergunta de uma aluna: “professor, e **no território piauiense ainda tem índio?**” De fato, para a História Oficial, ufanista dos colonizadores, o lugar da memória-histórica das diversas etnias que habitavam o território que hoje categorizamos como Estado do Piauí ou ainda do Brasil é inexistente, esquecido/silenciado. De acordo com os resultados do Censo Demográfico 2010 provenientes do quesito cor ou raça, 817,9 mil pessoas se declararam indígenas, representando apenas 0,4% da população total do Brasil.

Isto se daria:

Por uma série de fatores, a obtenção de informações sobre a identidade indígena é complexa. A depender do contexto, membros de uma dada etnia podem ter receio de manifestar sua identidade, seja por preconceito e discriminação, ou mesmo negar o pertencimento étnico possivelmente devido às experiências vividas anteriormente. O intenso processo de miscigenação no Brasil pode também contribuir, no caso dos indígenas, para uma não evidência de filiação étnica indígena. Mas o fato é que aspectos como o volume populacional, a distribuição espacial, a composição por sexo e a situação socioeconômica e educacional são fatores fundamentais para reconhecer e valorizar as identidades étnicas indígenas no Brasil e em outras partes do mundo. (CENSO DEMOGRÁFICO 2010: 10)

Emerge deste labirinto de lembranças e esquecimentos nosso desejo em analisar/registrar as “experiências transmissíveis de boca em boca” (BENJAMIN: 1994, p. 115) pelos remanescentes dos povos indígenas que no território piauiense lutam politicamente pelo direito a existirem, mediante o exercício de práticas culturais que evocam uma ancestralidade de raízes históricas profundas. Isto porque em concordância (HOBBSAWN, 1998: 186), entendemos que "não há povo sem história ou que possa ser compreendido sem ela."

Estas histórias de luta e resistência dos Tabajaras, suas “experiências transmissíveis de boca em boca”, emergem, ao entrevistarmos o Cacique José Guilherme da Silva, 62 anos, da comunidade Itacoatiara dos Remanescentes Indígenas da cidade Piripiri, ao dizer que:

Me chamo José Guilherme da Silva sou o cacique da Associação Itacoatiara de Piripiri Piauí, to aqui sobre o convite de seu roberto né? eu vim representar minha associação aqui dentro da universidade sobre a nossa luta, e eu meu presidente, tá aqui ele de lado, agradeço muito essa chamada aí eu vou dizer como é nosso, nosso, nosso, como se diz? Necessidade que nós tamo dentro do Piauí, nós tamo cum 7 ano de luta dentro desse 7 ano de luta já ramo passar para 8 anos em setembro, em setembro dia 12 de setembro agente entra pra é é é pra 8 anos de luta, e aí nada feito por ca de que aí entra prefeito, prefeitos e prefeitos, é senador é governador, aí é só promete no tempo das políticas, prometimento é demais, mais aí nunca chegou ao poder o que nós precisa, o que nós precisa, o índio sem terra não pode funcionar, que o índio é da mata, o índio tem que ir pa mata..

nós tem dentro da associação Itacoatiara, nós temos dentro dela funcionando, começamo cum..cum uma as 25 família, dentro da 25 família ra tamo cum 52 famílias, dentro das 52 famílias, tem 315 pessoas registrada pela FUNAI, aí FUNAI veio pra dá o reconhecimento nosso dentro do Piripiri, mais o mais aí o governador do Piauí não dá a mão agente até agora não tem dado a mão a gente, até agora nada sobre a nossa terra, só prometimento, ele chega aperta a mão da gente tempo de política e aí ele....aí vai promete e aí agente espera, aí eu acho que um cacique como eu já dentro de 62 de.....de.....como se diz? Aí eu tô já quase cançando, por cado que aí trabalhei muito pra criar meus índios da minha família, e agora corro muito atrás de poder que sou muito reconhecido dentro Piauí todim e do...do do ...do sul do estado, eu eu desço ali pa rumo do maranhão conheço Bacabal, Santa Inês, o.. Barra do Corda, Codó, aí desço pra Bahia da Bahia desço pra o Pernambuco, é Olinda é é é essa região aonde tem o meus conhecidos, pra atrás de reconhecimento, aí o Recife já andei 3 vezes aí na conversa de José Dias me botaram no avião pa ir em Teresina e fui bater em Recife e aí quando foi cum pouco dia, ele foi botou eu num avião meio Teresina pra um reconhecimento dum dum dum dum a chegada dum dum seu....como é o nome?da da ...ra...do do como é o nome? .do seu.. dr LULA, é dr Lula, aí eu fui pra o encontro dele cum 5000 mil e tantos índios que vinha de toda região do Brasil..

Ai me cadastraram como cacique da associação Itacoatiara de Piripiri lá foi registrado 301 cacique, este 1 é o primeiro do Piauí, se chama o cacique José Guilherme da Silva é por caso dessa taboca(ele mostra a taboca) que fui e botei na orea, foi que sair registrado, aí com esse reconhecimento no meio de vocês branco, muito reconhecimento, muito moral dentro de minha terra graças a Deus tem, meno moral nós chegamos em cima de mim, mais a terra chega, parece que vou morrer e não chega essa terra pra os índios... (CACIQUE GUILHERME, 2013: 01)

Emerge desta trama de lembranças e esquecimentos nosso interesse pela história oral dos remanescente indígenas no território piauiense no século XXI. Na fala do Cacique Tabajara Guilherme, a o número de índios tem aumentado no Estado, mas sua cultura está sendo dizimada, e ainda, que questão central para os remanescentes indígenas que resistem no território piauiense é a luta pela demarcação do território indígena no Piauí, ou seja, a luta pela Terra.

De forma complementar, temos a seguinte denúncia de Francisco Dias Presidente da Associação Itacoatiara de Remanescentes Indígenas de Piripiri e estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí:

Sou Francisco sou atual Presidente da Associação de Remanescentes Indígenas do Piripiri, e vou contar um pouco sobre a nossa história, como foi que iniciou é é algumas fotos de nossa famílias. Então a associação Itacoatiara de remanescente indígenas de Piripiri, foi registrada segundo o antropólogo Elder Ferreira, ele

registrou a presença de grupos indígenas na cidade de Piripiri, descendentes dos índios tabajara da região da serra da Ibiapaba, na fronteira Piauí e Ceará. A hipótese é que eles migraram para o Piauí, trata-se de uma comunidade Tabajara radicada no município. Não temos terra demarcada, convivemos juntamente com a civilização, com total vínculo com a civilização, baseado nisso em 2005 foi fundada a associação Itacoatiara, e a principal questão desse grupo é a terra, que é o que a gente mais tá trabalhando né, o que a gente tá mais lutando. O nosso cacique seu José Guilherme que já há muitos anos essa luta pela terra e nada de ser demarcada, mas não vamos parar enquanto a gente não conseguir. Na época era em torno de 140 remanescentes, mas hoje já algo em torno de mais de 300, alguns sobrevivem de artesanato em madeira e fibra, outros desenvolvem atividades de pintor e pedreiros, é algumas famílias ainda sobrevivem de artesanato, mas devido a civilização, já existem outras profissões; temos professores dentro da nossa associação, temos servidores públicos, então é assim, como agente está ligado diretamente com a sociedade, com a civilização, então a gente deve infelizmente seguir o mesmo ritmo delas, se não a gente fica para trás né? Porque hoje em dia a gente não tem mais aquela mata, por exemplo na minha cidade, não tem aquela mata que a gente possa é caçar, não tem onde a gente possa pescar, então a gente pra poder sobreviver, a gente que procura outro meio de sobrevivência. (FRANCISCO DIAS, 2013: 02).

Historicamente, este processo esteve atrelado à cultura do boi, com a carne transformada em mercadoria de exportação. A Pecuária possibilitava “colonizar” o Nordeste do Brasil. Este processo de (des)ocupação tinha como intencionalidade “limpar” o território dos chamados “Povos Bárbaros”. Para tanto, três formas clássicas foram utilizadas, ou seja, “civilizou-se” através dos aldeamentos religiosos, por meio da escravidão, e ainda, mediante assassinatos em massa daqueles chamados de “selvagens”. Entretanto, apesar dos ataques violentos às suas culturas, fruto da necessidade de lucro dos “colonizadores” ou do processo de “cristianização”, “civilização”, por parte da Igreja, os nativos não deixaram de resistir, seja de forma explícita/violenta, ou ainda, de formas dissimuladas, de influenciar e ser influenciado pela cultura do colonizador. Desta feita, temos assim um genocídio, que é a morte física de um povo, e ainda, um etnocídio, que é a descaracterização e absorção de uma determinada cultura em relação à outra na história piauiense.

As histórias do Cacique José Guilherme da Silva, bem evidenciam isso,

Vou contar minha historia, o meu pai vivia dento da Serra da Ibiapaba, meu pai, minha mãe minha arró, bizarró, tatararró aí tinha a raça todinha que era dos Tabajaras, aí os brancos ia caçar ia caçar na Serra...dento da serra , quando eles foram e viram o branco eles entrava pa dento da loca da terra que era da terra, tem local que a pessoa vai se esconde dento e fazia do mesmo jeito , ele fazia como o mocó e rabudo, aí o branco corria e nois se escondia aí quando o branco foram viram aquele negocio, aqueles vultos ru, ru, ru, uns com umas tangas velhas em riba do corpo, aí os cachorros pegaram. Rau, rau, rau, rau, rau....aí os cachorros foram bateu em cima....aí os brancos foram bateu em cima era meu pai, minha arró,bizarró, tatararró aí pegaram desgatarem uma família , uma família mais o menos uns 40, 40 de dento, dento das cuvas. Aí eles pegaram cachaça, fumo e aí pegaram levaram pa lá, e aí pegaram levaram alimento, aí quando deu cum meno de um mês, aí foi eles foram, os índios amansaram só com cachaça ,fumo, rapadura alimento sob a a química dos índios voltar a ser manso pa puder eles irem trazer

eles pa cidade. Mais aí nois era livre os índios dento dessa serra da Ibiapaba, Granja, Camocim, aí São Benedito ,estes lado até o Cajueiro do Poti nós temos nossa etnia que é os Tabajaras, aí que se dá rumo do Maranhão tem Barra do Corda, Santa Inês, aquela região todinha Bacabal, Bacabal aí bem pertinho de nós aqui tem Aparonga de Ceará, aqui tem umas aldeias cum 11mil índios, eu conheço porque já andei nas residência, tudo o aí já andei nas residência tudo sobre o reconhecimento , eu não paro eu só vivo no.. é mundo pa riba e pa baixo, é convite, é, é uma coisa, é, é uma representação, sobre um, sobre os índios, pra contar historinhas... (CACIQUE GUILHERME,, 2013: 04)

Assim denunciemos também o violento poder de aniquilação da experiência das “primeiras levas de invasores humanos” (DEAN, 2007), ou seja, dos povos “indígenas” da então inventada América pela “segunda leva de invasores humanos” (DEAN, 2007), os europeus. Para tanto, serve-nos de inspiração Walter Benjamin, no texto *Experiência e Pobreza*, quando analisa a pobreza da sociabilidade do Capital no que diz respeito, por exemplo, ao esquecimento/silenciamento das práticas de transmissão da experiência plural/diversa e autêntica que as gerações mais velhas ensinavam aos jovens, ou seja, sua sabedoria adquirida ao longo da produção material da sua vida. Aprendizagem esta que emergia não apenas da experiência de vida desses sábios anciãos, mas também da experiência que seus antepassados lhes haviam transmitido em diversas formas de narrativa oral.

As reflexões de (BENJAMIM, 1994), dizem respeito ainda em nossa análise sobre a experiência das **Histórias Oraís dos Remanescentes Indígenas no Território do Piauí no Século XXI**, no sentido de que as narrativas destes encontrarem-se hegemonicamente entre lembranças e esquecimentos, silenciadas pelo processo violento de genocídio e etnocídio cometidos em nome da fé e da ganância mercantilista de 1500 em diante. Posto isso, tem-se um alargamento conceitual acerca das contradições do processo de formação da experiência dos seres humanos e da escrita da memória-histórica. Os exemplos destes níveis variados de formação da experiência compreendem a “dialecticidade” de épocas históricas diferentes e múltiplos sujeitos em luta social.

Engajados na contra corrente historiográfica desta trama de lembranças e esquecimentos, entendemos a necessidade de desenvolvermos uma análise histórico-antropológica da experiência dos povos indígenas do Piauí, evidenciando suas disputas no presente por um futuro, que se materializa num passado prenhe de historicidade.

De forma complementar, John Manuel Monteiro, ao analisar a escrita da história indígena no Brasil, afirma que:

Nos últimos anos, entretanto, o pressuposto de que os índios simplesmente deixarão de existir começou a ser revertido, de modo que hoje, talvez pela primeira vez na

história do Brasil, paira uma certa nuvem de otimismo no horizonte do futuro dos índios. A principal voz discordante, em enfática negação da tese do desaparecimento, pertence aos próprios índios que, através de novas formas de expressão política — tais como as organizações indígenas —, reivindicam e reconquistam direitos históricos. O novo indigenismo, por seu turno, encontrou, desde a primeira hora, fortes aliados no meio antropológico, que passaram a pautar suas pesquisas não apenas a partir de interesses acadêmicos mas também pela necessidade de fornecer subsídios para as lutas e reivindicações dos índios. Assim, surge uma nova bibliografia que tem contribuído não apenas para ampliar a visibilidade de povos indígenas numa história que sempre os omitiu, como também revela as perspectivas destes mesmos povos sobre seu próprio passado, incluindo visões alternativas do contato e da conquista.

De fato, tem-se assistido nos últimos anos uma proliferação de novas organizações indígenas e indigenistas no Brasil. São novas não apenas em termos de sua formação recente, mas antes em função de suas características políticas, refletindo o movimento mais geral da organização da sociedade civil, porém representando igualmente uma ruptura especialmente forte com um longo passado de dependência no Estado, que remonta aos primórdios da colonização portuguesa na América. (MONTEIRO, 2000: 223).

Neste sentido, destacamos, por exemplo, os Dados do Censo Demográfico do IBGE (2010) sobre a população indígena. Onde se revelou que existem cerca de 3 mil índios no Piauí, sendo 1.333 em Teresina e 1.611 no interior.

Merece nossa atenção histórica, ainda, os dados sobre os municípios com maiores populações indígenas no território piauiense no ano de 2010. Vejamos:

Municípios com maiores populações indígenas, por Grandes Regiões, segundo as Unidades da Federação – Brasil - 2010		
Unidades da Federação	Municípios mais populosos	População residente
Piauí		
	Teresina	1.333
	Floriano	230
	Queimada Nova	187
	Parnaíba	186
	Picos	102
	São Raimundo Nonato	77
	Bom Jesus	68
	São João do Piauí	44
	Oeiras	41
	Piripiri	39
	Total	2305
Fonte: Censo Indígena 2013.		

Os dados não são apenas estatísticas numéricas, muito pelo contrário, são em nossa compreensão, uma possível cartografia da história dos índios no território piauiense. Além disso, há no estado três etnias indígenas com remanescentes identificados pela FUNAI, são elas: os Tabajaras em Piripiri, os Cariris, em Queimada Nova, e os Codó Cabeludo, em Pedro II. Mas pesquisas indicam que existem outras, como os Pimenteiras em Uruçuí Preto. (JORNAL O DIA DE 18/04/2013).

Merece destaque ainda o Art. 1º Portaria nº 344 da FUNAI, onde resolver “Determinar que a Coordenação Regional da Funai de Fortaleza-CE, doravante passe a prestar a necessária assistência às Comunidades Indígenas do Estado do Piauí, até ulterior deliberação.” A portaria 344 complementa os Dados do Censo Demográfico do (IBGE, 2010) sobre a população de remanescentes indígenas no território piauiense, e ainda, evidencia as contradições da escrita da História do Piauí.

Mediante estas evidências, passamos a desejar a inserção das experiências destes agentes sociais historicamente marginalizados. Acreditamos que para a historiografia piauiense é importantíssimo compreender como a “*experiência*” (THOMPSON, 1981) dos remanescentes indígenas no território piauiense, modifica e é modificada, pela formação da consciência e da luta deflagrada pelos antagonismos entre explorados e exploradores, pois o aprendizado político destes níveis variados de formação da consciência histórica é o que tem feito com que as formas de opressão entre os seres humanos tenham sido socialmente criticadas, combatida, reformada e até historicamente revolucionada.

Sobre este processo de consciência e luta, temos a seguinte narrativa de Francisco Dias, Presidente da Associação,

A associação tem como finalidade reivindicação do direito indígena estabelecido na Constituição Federal do Brasil, na conversão de 169, essa é uma constituição que defende o direito do trabalho indígena. Tem ainda a questão de escola indígena que a gente ta lutando pra ter aqui para divulgar a nossa cultura também. Existe um preconceito étnico na cidade, há aquele preconceito, sempre dizem, há o índio é sempre o diferente, ele o índio não é igual a você, não é isso, não é isso; todos nós somos iguais entendeu?. O território é o espaço de natureza do índio, é o ambiente sagrado da vida, o dinheiro fomenta essa sociedade, mais infelizmente hoje preciso desse dinheiro para viver, porque essa frase? Infelizmente ela diz tudo né? da historia do índio, temos por exemplo nós é é ...em uma cidade a gente tem como tinha falado antes tem que trabalhar de qualquer forma porque não tem mais rio para gente pescar, não tem mais aquela a floresta para caçar então a gente procura outros meios de sobrevivência. O apoio que é dado pelos órgãos do governo e até mesmo da sociedade é muito pouco. Nossa cultura está pouco a pouco morrendo, os mais de 300 índios de Piripiri, quase não têm nenhuma assistência do governo. A sociedade ainda vê os povos indígenas de forma marginalizada e merecemos respeito. A população não valoriza a origem de sua cultura, somos sempre excluídos.(FRANCISCO DIAS, 2013: 02)

Articulado a este contexto, o Brasil, recentemente, atraiu a atenção dos noticiários de todo o mundo com a revolta dos povos indígenas de etnias diversas que unidos, ocuparam na tarde do dia 16 de abril de 2013 o plenário da Câmara dos Deputados, o ato se deu em protesto a Proposta de Emenda à Constituição (PEC-215), ou (PEC dos Índios), que retira do Poder Executivo e dá ao Congresso Nacional (Poder Legislativo) a possibilidade para

alteração de leis relativas às suas terras, incluindo aí demarcações de novas terras indígenas e/ou ainda a redução de territórios já demarcados. Evocando sua ancestralidade o ato político dos povos indígenas denuncia um problema de raízes históricas ainda dos tempos do Brasil Colônia, pois trata a PEC 215 como resulta do de um poderoso lobby da bancada ruralista, que ao defender os interesses do agronegócio no Brasil, inclui muitos políticos que possuem latifúndio sem terras indígenas, ou que não desejam, por estarem de olho nas riquezas naturais destes territórios, que através da FUNAI, novas Terras sejam demarcadas.

A narrativa do cacique Tabajara José Guilherme da Silva, 62 anos, da comunidade Itacoatiara dos Remanescentes Indígenas da cidade Piripiri, articulada ao debate em torno da PEC-215, nos evidencia que o número de índios tem aumentado no estado, mas sua cultura está sendo dizimada. A questão central para ele é a luta pela demarcação do território indígena no Piauí.

A matéria do Portal G1 de 19/04/13 registra seu relato dizendo o seguinte:

Segundo o cacique a única solução para os problemas enfrentados pelos povos indígenas no estado seria a distribuição de terras. “Nós queríamos ter a nossa terra para poder montar nossa aldeia, resgatar nossa cultura e fazer com que todos possam ter uma vida digna, como era as dos nossos antepassados”, disse o cacique. Através da terra, o cacique explica que sua etnia, conseguiria plantar e colher o alimento e ainda produzir artesanato para vender e ajudar na renda de toda a aldeia. “Hoje se queremos produzir uma peça de artesanato, como um pilão, temos que roubar a matéria prima de um terreno particular”, reclama Guilherme. O cacique também reclama da falta de empregos. José Guilherme conta que três dos seus filhos, foram embora do Piauí para São Paulo para conseguir emprego. “Tenho seis filhos, mas três deles tiveram que ir à São Paulo em busca de emprego porque na cidade não tinha”.

A narrativa da Cacique Guilherme, evidência uma contradição histórica sobre a própria formação do Brasil latifundiário e a violenta desagregação territorial que a cultura nativa foi sujeitada. Isto porque a posse, o usufruto e o controle efetivo da terra pelos índios têm sido reconhecidos como condição sine qua non para a sobrevivência dos povos indígenas. A ausência ou pouca disponibilidade de terras tem, reconhecidamente, enormes impactos sobre o cotidiano das sociedades indígenas, afetando não somente os padrões de subsistência como também dimensões de caráter simbólico no plano da etnicidade.

No âmbito do (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010), “as 505 terras indígenas reconhecidas com informação de limites territoriais fornecidos pela FUNAI compreendem 12,5% do território brasileiro (106 739 926 ha), com significativa concentração na Amazônia Legal. A maior parcela de indígenas residentes fora das terras indígenas, em termos absolutos, correspondeu à Região Nordeste, com 126 mil indígenas, com um peso relativo de 33,4%.”

As experiências dos remanescentes da história dos índios no Piauí, sujeitos desta pesquisa, diluem-se neste cenário traçado. Neste contexto, chama-nos atenção, a análise final do documento síntese do (IBGE, 2010), sobre as condições materiais de produção da existência desses remanescentes, onde diz que:

Na análise dos resultados no Brasil, assim como em diversas outras partes do mundo, as populações indígenas (denominadas em outros países também como nativas ou autóctones) se configuram como um dos segmentos mais desfavorecidos do ponto de vista econômico, habitacional, educacional e dos indicadores de saúde, como revelam os censos e outras pesquisas que mensuram as condições de vida da população brasileira. Além disso, por razões culturais ou de relação com o ambiente, requerem políticas públicas específicas. Para a implementação de políticas, voltadas para esses grupos sociais, existe a necessidade de informação com um nível de desagregação territorial muito detalhado. (IBGE, 2010)

Neste sentido, as “experiências transmissíveis de boca em boca” (**BENJAMIN, 1994: 115) pelos remanescentes dos povos indígenas que no território**, conceitualmente podem ser compreendida enquanto um processo relacional diluído no fazer cotidiano, possuindo uma temporalidade e uma espacialidade específica e singular, inscrita tanto na objetividade quanto na subjetividade humana. A gestação deste sentido para a história social é de fundamental importância, pois assim nos permite entender que a história dos índios no Piauí possui uma espacialidade e uma temporalidade que não se desenvolve e nem se desenrola para além da vida cotidiana, como em uma realidade virtual ou meramente discursiva, pelo contrário, possuem uma materialidade inscrita no desenrolar do processo histórico mais amplo da história social humana. Tem sido neste viés interpretativo que a historiografia tem se alargado para além dos aspectos tradicionais, em direção a outros campos do conhecimento disciplina, sujeitos e objetos até então inexplorados.

Neste contexto, temos por fio condutor da pesquisa em história os estudos da História Social Inglesa, o que na prática de nossa pesquisa significa, mediante o materialismo histórico-dialético, desenvolver procedimentos analíticos deslocados da ênfase no economicismo ortodoxo apontando sempre em direção a uma história social marcado pelo cultural e por uma redefinição da cultura e relações sociais, voltando-se para o estudo das mentalidades, dos valores, e dos rituais e imaginários abrangendo dimensões do simbólico e das lembranças. Tradicionalmente, o economicismo, equivocadamente, afastou múltiplas possibilidades interpretativas do real, porém tal situação de uns tempos para cá, avança a passos largos. Contribuições pertinentes como a de Thompson (2001, p. 208) a respeito registram que: “É essencial manter presente no espírito o fato de que os fenômenos sociais e

culturais não estão “a reboque”, seguindo os fenômenos econômicos a distância” eles estão, em seu surgimento, presos na mesma rede de relações”.

Então, que dizer que, para o entendimento mais detalhado sobre os referenciais teóricos que norteiam este estudo, faz-se necessário ainda uma contextualização que articule a relação interdisciplinar entre a pesquisa histórica e antropologia, tendo em vista que o campo da antropologia histórica encontra-se em expansão e ajustamento, enquanto esfera de análise e compreensão do real e, vem sendo fruto das diversas modificações elaboradas pelo fazer historiográfico desenvolvido por correntes dos estudos históricos que buscam uma ampliação epistemológica em seu fazer.

Para tanto, destacamos que a pesquisa situa-se em “região de fronteiras” (SCHWARCZ, 2002, 2005); (DARTON, 1990), entre a história e a antropologia.

Segundo ainda, (MONTEIRO, 2000: 226 - 227),

Em anos recentes, um renovado diálogo entre a antropologia e a história tem propiciado, nas Américas como um todo — sem falar de outras partes do mundo —, um surto significativo de estudos sobre a história dos povos colonizados, estudos que oferecem o contraponto das dinâmicas locais e regionais...

A antropologia histórica buscava qualificar a ação consciente — agency, em inglês — dos povos nativos enquanto sujeitos da história, desenvolvendo estratégias políticas e moldando o próprio futuro diante dos desafios e das condições do contato e da dominação.

Ainda segundo (LOPES E GALVÃO, 2001: 34-35, 39-41): “Nesse processo, a História se aproximou de ciências como a Antropologia e a Linguística, que lhe propuseram novos olhares e novas ferramentas conceituais que possibilitaram um refinamento da análise desses novos objeto”

Para Hebe de Castro Matos:

Esta aproximação com a antropologia levaria a história social, em sentido estrito, a privilegiar progressivamente abordagens socioculturais sobre os enfoques econômico -sociais até então predominantes. A aproximação com a antropologia se fez, em grande parte, forjando uma verdadeira “antropologia histórica”, tributária da antropologia estrutural de Levi-Strauss, que foi definida por Andre Burguiere como uma “história dos costumes” (em oposição aos eventos). Por outro lado, um outro tipo de aproximação com a antropologia se fez sob a rubrica “history from below” (história vista de baixo), cunhada por E.P. Thompson, em 1966. Tal postura implicou profundas reavaliações metodológicas. Que fontes utilizar para dar voz as pessoas comuns? A prática e o debate metodológico em relação ao uso da técnica de história oral neste campo tem sido intensos nos últimos vinte anos, mapeando seus avanços e limitações. Um intenso intercâmbio com a antropologia permitiu transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas.

Ao passo que estabelecemos alguns elementos teóricos e metodológicos da pesquisa histórica e da emergência desta abordagem antropológico-histórica enquanto temática, afirmamos serem estes últimos, os referenciais teóricos e metodológicos escolhidos para o entendimento de toda a relação entre história e antropologia, fundamentos estes que se manifestam como pano de fundo para todo o desenrolar desta pesquisa.

Para efetivar tal desafio faz-se necessário ainda uma reflexão acerca dos lugares da história, e ainda, salientar que nossa proposta, agrega-se ao debate epistemológico desencadeado pela expansão do ofício de historiar, no que se refere à multiplicação dos seus objetos, metodologias, abordagens e temas almejando uma abordagem de cunho histórico-antropológico, o que na prática, significa desenvolver procedimentos interpretativos que possibilitem a emergência de uma elasticidade da escrita da história, onde inspirados por (WALTER BENJAMIM, 1994), passemos a escrever a história a contrapelo.

Esta é a base referencial teórica de sustentação analítica desta pesquisa, acreditamos que nestes marcos, pois sem ela o processo de análise histórica deixa de estar associado por completo da experiência humana. Ao privilegiar apenas alguns aspectos do fazer humano, o campo da pesquisa histórico negligenciava outros aspectos.

Nestes termos, coletivamente amadurecemos como fundamentado de nossos referenciais teóricos e práticos a certeza de que o aprendizado historiográfico só pode ser efetivo se produzido pela articulação dos limites e possibilidades de teorias da história diversas, convergentes e/ou contraditórias, posto que, tem sido desta diversidade conceitual de ler e escrever o mundo que o conhecimento histórico humano tem se consolidado.

Posto isto, tomamos como referência para os trabalhos com a história oral, (ALESSANDRO PORTELLI, 1997: 16), ao assinalar que "a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados". Por exemplo, no trabalho qualitativo com a memória socialmente compartilhada dos povos indígenas do Piauí o entrelaçamento da trama lembranças/esquecimentos produzem mais do que a soma das produções das memórias/silêncios individuais de cada uma delas, isoladamente considerada. Na maneira de se articularem e de constituírem uma unidade de memórias socialmente compartilhadas, os elementos das memórias individuais assumem características que não teriam, caso permanecessem fora do conjunto.

O intuito, portanto, é que, por intermédio dessa pesquisa-ação rememorada, qualitativamente possamos testemunhar a emergência do movimento de luta dos povos indígenas do Piauí, especificamente a memória socialmente compartilhada (PORTELLI,

1997: 16) de formação da consciência política de sua ancestralidade. As trajetórias de consciência e luta em tese, investigadas por meio das narrativas, podem retratar isso e, ainda, nos encaminhar à pesquisa em história do tempo presente, contribuindo para que, por seu intermédio, o pesquisador tenha a possibilidade de estimular a memória político dos participantes de seu projeto, criando assim um vínculo entre o entrevistado e o pesquisador.

Na lição de (PORTELLI, 1997b: 09- 24),

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. [...] Isto joga nova luz sobre velho problema: a interferência do observador na realidade observada. O fetiche positivista da não interferência desenvolveu estranhas técnicas para ultrapassar ou remover esse problema. Creio que devemos mudar a questão em seu ponto básico e considerar as mudanças que nossa presença pode ocasionar como alguns dos mais importantes resultados de nosso trabalho de campo.

Nestes termos, mediante “experiências transmissíveis de boca em boca” (BENJAMIN, 1994: 115) **pelos remanescentes dos povos indígenas que no território**, levantaremos uma série de questionamentos sobre que possíveis "outras histórias" (HOBSBAWM, 1988), podem ser escritas e/ou foram “esquecidas”, “silenciadas” no Brasil/Piauí? São homens e mulheres que dia a dia debatem-se com um processo brutal de aculturação, morte física, doenças, escravidão, terror e tortura. Eles enfrentaram desafios em seus contextos específicos que, para muitos, nem mesmo preparados estavam. Tendo em vista esta experiência coletiva que se fez e refez, coloca-se a necessidade de ouvirmos estas outras histórias e memórias contra-hegemônicas (GRAMSCI, 1979).

Estes aspectos são fundamentais para uma pesquisa engajada e comprometida com as necessárias transformações das mazelas sociais vindouras em nosso tempo. Pois indiscutivelmente a memória da organização consciente de grupos não hegemônicos como os povos indígenas do Piauí na luta pela terra e por reconhecimento de sua ancestralidade não é um evento que favoreça o grupo hegemonicamente dominante, pelo contrário, quanto mais desarticulada e fragmentada se apresenta a memória-histórica dos grupos subalternos, mais frágil e estranhada se torna diante da implacável desregulamentação que lhe é imposta.

O olhar da experiência de vida destes agentes sociais, é importante destacar ainda a necessidade constante de uma análise crítica e reflexiva, porquanto cada um pode dizer o que quiser. Isto porque, esperamos como resultado desta pesquisa, contribuir para ampliar as reflexões sobre a temática Indígena na memória-histórica do Piauí, e ainda, do ensino da cultura nativa/indígena em sala de aula. A escrita da memória-histórica é algo que se insere

no presente do ser humano, desde sua origem. Rememorar é uma atividade histórico-cultural de grandeza imensurável, pois a lembrança conserva aquilo que se passou e não retornará.

A nossa maior contribuição nesse sentido talvez seja a possibilidade de buscarmos avanços refletindo sobre este embate de culturas definidor do que vem a ser hoje o território do Estado do Piauí, ou seja, almejamos problematizar coletivamente o genocídio, que é a morte física de um povo, e ainda, o etnocídio, que é a descaracterização e absorção de uma determinada cultura em relação à outra na história piauiense.

Ciente de que, necessariamente aperfeiçoamentos ao texto irão emergir, acreditamos que a realização desta pesquisa nos moldes que apresentamos possibilita conhecer, refletir e entender o universo deste embate de culturas, edificado ao longo do recorte espaço-temporal em análise, suscitando sempre novos questionamentos, e ainda, favorecendo a revisão das conclusões iniciais emergentes de novas observações e do trabalho com o conhecimento já produzido na área.

Em nome da fé cristã e da produção de lucros por parte dos colonizadores o Piauí foi palco de uma sangüenta história. Acreditamos que o debate dessa memória histórica possibilita um melhor conhecimento sobre nós mesmos. Este movimento, uma vez revisitado, oportuniza aprendizado histórico significativo para a trajetória humana ao longo do século XXI. Por derradeiro, destacamos a provisoriade deste texto, uma vez que a cada novo dia novos elementos agregaram mais questões ao problema sugerido por esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O TRATO DOS VIVENTES** Formação do Brasil no Atlântico Sul- Séculos XVI e XVII. – São Paulo: Companhia das LETRAS, 2000.
- BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza*. IN: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Bosi, Alfredo. **Dialética da colonização**.—São Paulo: Companhia das Letras,1992.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial,2003.
- CARVALHO, José Renôr F. de Carvalho. **Resistência indígena do Piauí Colonial**. Imperatriz: Ética: 2005.
- CASTELO BRANCO, Anfrísio Neto Lobão. **MANDU LADINO-ROMANCE**, 2010.
- CASTELO BRANCO, Moysés. **O índio no povoamento do Piauí**. Teresina, Artes Geográficas,1984.
- CHAUÍ, Marilena. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras,1994.
- CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade; lembranças de velhos**.2ed. São Paulo,T. A. Queiroz/Ed. da USP,1987.p.XVII–
- CHAVES, Monsenhor Joaquim. **O índio no solo piauiense**.Teresina, Série Histórica, 1953.

- DARTON, Robert. História e antropologia. In: **o beijo de lamourette**. Tradução de Denisse Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DEAN, Warren. **A Ferro e fogo**: A História e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Cia das Letras.p. 38-82.
- DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Cia. Dasletras, 2007.
- DIAS,C.M.M.(Org.);S, Patricia(Org.). **História dos índios do Piauí**.Teresina:EditoradaUFPI/, 2010.v.1.595p
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun.(Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004. g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/04/cultura-indigena-esta-sendo-dizimada-no-piaui-diz-cacique-jose-guilherme.html
- GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da America Latina**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HOBBSBAMW, Eric. A Outra História: algumas reflexões. In:KRANTZ, Frederick (org.). **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Tradução: Ruy Jungmany. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988
- MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPINI, Luis Donisete Benzi. (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo/Brasília: Global/ MEC/UNESCO, 2000.
- MONTEIRO, John. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras,1995.
- MOTT, Luiz. O Piauí colonial. Teresina, Projeto Petronio Portella,1975.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**: Pré-história. Primeiros Contatos com a terra. Primórdios da colonização e ausência de governo. Primeiros. Teresina: FUNDAPI: Fund. Monsenhor Chaves, 2007. v. I
- PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral**. A pesquisa como experimento em igualdade.*PROJETO HISTÓRIA,14*, revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP,1997(a),p. 7-24.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **Questões de Fronteira**: sobre a antropologia da história. Novos estudos - CEBRAP no. 72, São Paulo, July 2005
- SCHWARCZ, Lílían K. Moritz. **Antropologia e história: debate em região de fronteiras**/organizado por \Lilia K. Mortz e Nilma Lino Gomes: Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- THOMPSON,E.P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros**./Tradução de Maltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar,1981.